



Luz e Cordel: Relatos de um processo colaborativo e transdisciplinar

Shirley Ane Marques Araújo
Sônia Maria Caldeira Paiva

Para citar este artigo:

ARAÚJO, S. A.M; PAIVA, S.M.C. Luz e Cordel: Relatos de um processo colaborativo e transdisciplinar. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v. 1, n.1, jul. 2021.

 DOI:

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Luz e Cordel: Relatos de um processo colaborativo e transdisciplinar¹

Shirley Ane Marques Araújo²
Sônia Maria Caldeira Paiva³

Resumo

Através deste relato, apresento os caminhos trilhados dentro de um processo de pesquisa e construção de uma obra artística colaborativa. Na qual começamos por uma base experimental de pesquisa, junto ao Laboratório Transdisciplinar de Cenografia⁴ (LTC), em busca de uma expressão que unisse a narrativa de cordel à iluminação.

Palavras-chave: Processo criativo. Iluminação. Caixa cênica. Experimentação. Narrativa de cordel.

Light and Cordel: Reports of a collaborative and transdisciplinary process

Abstract

Through this report I present the steps taken to a process of research and construction of a collaborative artistic work. It started from an experimental base of researching in conjunction with the Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC) in search of a expression that linked the cordel narrative to the lighting.

Keywords: Creative process. Lighting. Cenic box. Experimentation. Cordel narrative.

Luz e Cordel: Cuenta de un proceso colarativo y transdisciplinario

Resumen

A través de esta cuenta, presento los caminos recorridos dentro de un proceso de investigación y construcción de un trabajo artístico colaborativo. En el cual, comenzamos a partir de una investigación experimental con el Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC), en busca de una expresión que uniera la narrativa de cordel y la iluminación.

Palabras clave: Proceso creative. Iluminación. Caja escénica. Experimentación. Narrativa de cordel.

¹ Revisão gramatical realizada por Helda Marques

² Bacharelada em Interpretação Teatral no Departamento de Artes Cênicas (CEN) da Universidade de Brasília (UnB), e estudante de iluminação cênica na Escola de Música de Brasília (EMB).

✉ shirleyaraujoam@gmail.com |  <http://lattes.cnpq.br/6474375717122417> |  <https://orcid.org/0000-0002-2281-1037>

³ Prof^a. Dr^a. do curso de graduação em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas (CEN) da Universidade de Brasília (UnB)

✉ soniamcpaiva@gmail.com |  <http://lattes.cnpq.br/0406732113572401> |  <https://orcid.org/0000-0003-1964-4415>

⁴ O LTC é um Programa de Extensão de Ação Continuada (PAC), ligado ao Decanato de Extensão (DEX), ao Instituto de Artes (IdA), e ao Departamento de Artes Cênicas (CEN) da Universidade de Brasília, coordenado pela Prof. Dra. Sônia Paiva e que tem como foco a experimentação e a formação transdisciplinar do Desenho da Cena, visando a criação de produtos culturais e educacionais.



Neste relato, abrimos as páginas para que você possa conhecer um pouco dos porquês desta pesquisa e sobre as complexidades de uma ideia que, para as discentes, parecia simples: a união da luz e cordel.

Entre o processo, as experimentações e os estudos individuais, criamos bonecos e silhuetas para a concepção de uma obra artística em vídeo, realizada em uma caixa cênica em miniatura.

Três olhares compartilharam da mesma construção: meu projeto, *Estudo sobre as formas de expressão da iluminação em encontro com a narrativa de cordel*; o da Priscila Tavares, *Cordel: suas formas em expressão para a cena*; e o da Sônia Paiva, *Orientação de pesquisa no âmbito do desenho da cena para execução de projetos interdisciplinares e transdisciplinares*, que costurava as pesquisas unindo a luz e o cordel através da instrumentalização e orientação teórica e prática (ARAÚJO, 2021, p. 03).

Durante o planejamento, fixamos alguns objetivos a serem explorados: compreender os fundamentos da iluminação cênica e do cordel; encontrar uma forma de iluminar na expressão cordelista; elaborar ações a partir da narrativa e da iluminação para a construção de visualidades para a cena.

Durante a pesquisa, aplicamos ferramentas e metodologias realizadas nos processos artísticos do LTC, e a etnomatemática⁵ como metodologia educacional. Etno está relacionada à cultura; Matema ao explicar, entender, conhecer; Tica à técnica. Nos nossos estudos, a Etno se apresenta pela cultura do cordel, caixas lambe-lambe, sombras e bonecos; Matema se relaciona com o trabalho colaborativo realizado nas pesquisas e se apresenta na união das linguagens; a Tica foi a técnica do teatro de sombras, mamulengo, iluminação, vídeo, construções e experimentos (ARAÚJO, 2021, p. 04).

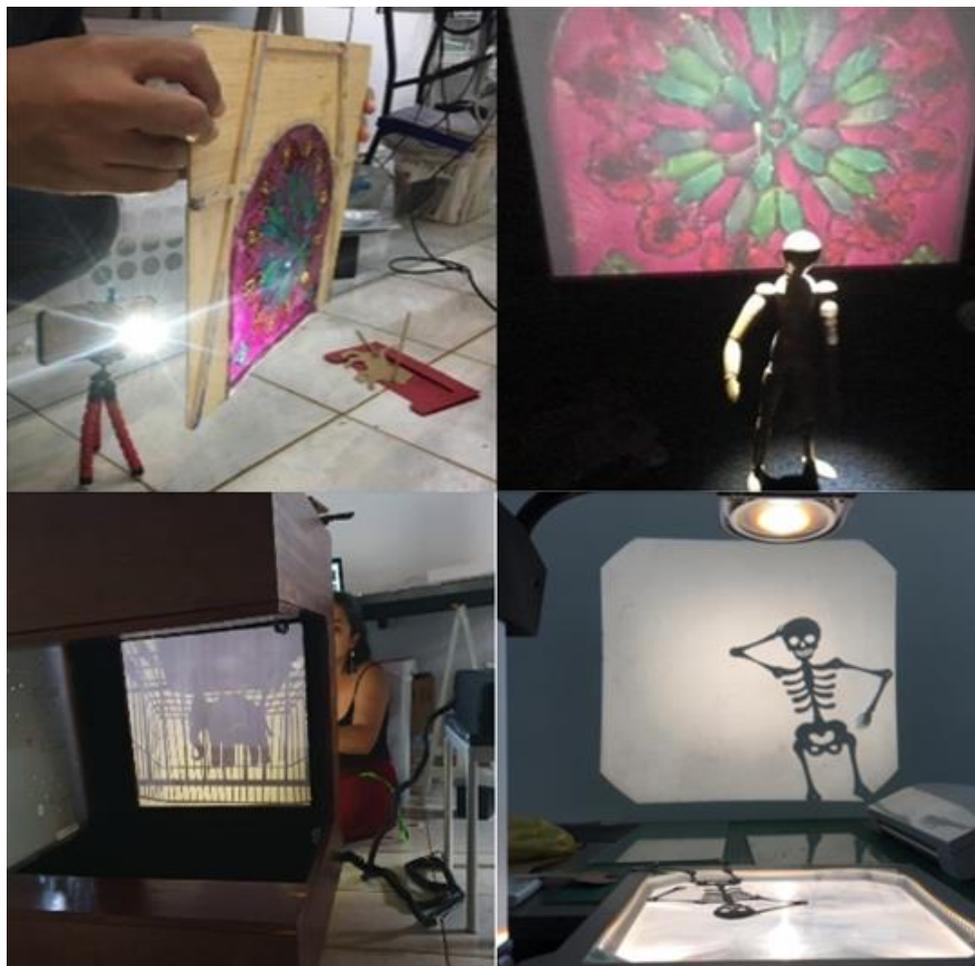
O desejo pela pesquisa justificou-se pela vontade em unir interesses em comum na construção de uma pesquisa que gerasse as bases para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); e pelo desejo de estudo com a iluminação e narrativa em um trabalho que nos reflita e reflita a linguagem do cordel dentro de um processo criativo construtivo colaborativo. Na busca por um elemento em comum entre iluminação e cordel, embarcamos em uma investigação artística a fim de conhecer nossos objetos de estudos, suas características e fundamentos. Por isso, realizamos o estudo teórico paralelo às experimentações. Através da experimentação, erro e reflexão, descrevemos as experiências realizadas para a tomada de decisão e busca por novas referências.

⁵ Ubiratan D'Ambrosio (1998) define etnomatemática como arte ou técnica de explicar, conhecer e entender nos diversos contextos culturais.



A investigação com o cordel se deu com a leitura dessa narrativa e discussões sobre nossas percepções em relação a estrutura, características, composição da linguagem. Com a iluminação, as discussões se davam pelas percepções a partir dos experimentos. Por meio da proposta metodológica, dos trabalhos com miniatura da orientadora, e na falta de um espaço e equipamentos teatrais, abrigamos os primeiros experimentos e estudos em uma pequena caixa cênica da IBM⁶. A qual foi base para o desenvolvimento de uma caixa construída durante o processo. O estudo de iluminação foi realizado em pequenas caixas cênicas com a perspectiva de estudos dos elementos cênicos, simulação de efeitos e ensaios, utilizando materiais alternativos.

Figuras 1, 2, 3 e 4 - Registros dos experimentos



Fonte: acervo LTC, 2019

⁶ Replicação da caixa IBM para estudo de cor RGB- doada pela professora Dra. Lygia Saboia ao LTC.



Estudo das linguagens

Durante a pesquisa, em busca de referências sobre iluminação, encontro no texto de Roberto Gil Camargo a informação: São detalhes técnicos e específicos do trabalho do iluminador: saber o que dizer, como dizer e com quais recursos (CAMARGO, In Urdimento v.1 n.31, 2018). Iluminador(a) é o profissional responsável pelo desenho de luz de uma obra artística e precisa conhecer dois aspectos que compõem a linguagem da iluminação: o técnico e o artístico. O aspecto técnico diz respeito aos materiais, ferramentas e conhecimentos técnicos, saber com quais recursos dizer e como dizer. O artístico, quanto ao olhar para a relação da luz em cena, entre os efeitos, composição, ritmo e visualidade.

Paralela a pesquisa sobre iluminação, desembarco em João Pessoa- PB para conhecer a cultura do cordel e conversar com cordelistas. O guia aqui foi o cordelista Medeiros Braga. Ele me conduz a uma cordelteca com diversos cordéis de sua autoria, com os quais nos apresenta e informa que a métrica, rima, ritmo e musicalidade são características muito importantes. A temática também é essencial na composição da narrativa e há marcas da oralidade na escrita. Quanto a imagem, a xilogravura⁷ é uma importante característica nos folhetos, embora Medeiros faça a utilização de cores, alguns retratos e ilustrações nas capas de alguns de seus cordéis. Sobre o local de apresentação dos cordelistas, Medeiros diz que geralmente acontece em feiras, nas ruas e praças. A iluminação é a luz natural ou a própria luz do ambiente.

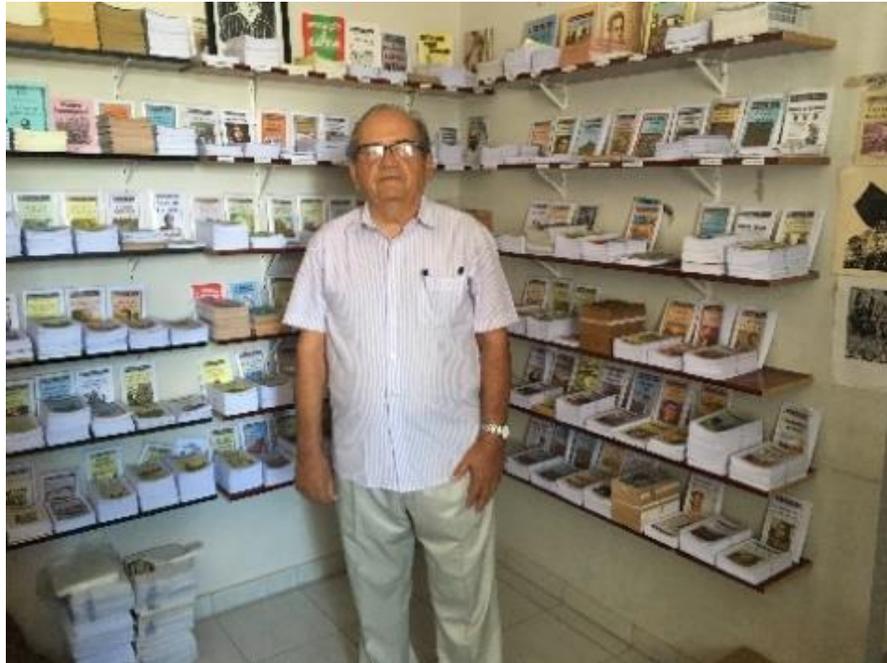
Após esse encontro, volto à estrada com uma questão em mente: o que pensamos de imagem quando falamos do encontro do cordel com a luz? A primeira imagem que veio foi a do teatro de formas animadas e principalmente o teatro de sombras, pois percebe-se que esta é uma linguagem que possui características visuais próximas à xilogravura. São elas: o contraste de luz e sombra, preto e branco e figuras bidimensionais. Com isso, iniciamos experimentações com bonecos articulados, luz e sombra. A pesquisa sobre as figuras utilizadas no teatro de formas animadas, teatro de sombras e seus modos de confecção nos levaram ao encontro de Lotte

⁷ Xilogravura consiste em um relevo sobre madeira, ou seja, se utiliza uma matriz de madeira plana no qual se faz entalhes na superfície com ferramentas de corte, tais como facas, formões, estiletes e goivas. É uma antiga técnica, de origem chinesa, em que o artesão utiliza um pedaço de madeira para entalhar um desenho, deixando em relevo a parte que pretende fazer a reprodução. Em seguida, utiliza tinta para pintar a parte em relevo do desenho. Na fase final, é utilizado um tipo de prensa para exercer pressão e revelar a imagem no papel ou outro suporte. A xilogravura é muito popular na região Nordeste do Brasil, onde estão os mais populares xilogravadores (ou xilógrafos) brasileiros. A xilogravura era frequentemente utilizada para ilustração de textos de literatura de cordel. (SOUSA, 2013, p. 12)



Reiniger⁸ e Paul Klee⁹ para pensar a estética e construção dos bonecos. Pegamos essas reflexões e características, as colocamos na mala e partimos em direção ao local de encontro da luz e cordel.

Figura 5 - Fotografia de Medeiros Braga na *Cordelteca*



Fonte: Shirley Araújo, 2019

Caixa e roteiro: locais de encontro

Luz e cordel se encontraram em expressões como teatro de sombras, caixa lambe-lambe, mamulengo. Cada uma dessas expressões é um universo a ser explorado. À medida que fomos conhecendo o modo de fazer de cada uma delas, selecionamos materiais para a construção da nossa obra multimidiática. A união dessas artes e expressões aconteceu na caixa cênica e no roteiro. Começamos a explorar uma caixa da IBM para estudo de cores RGB¹⁰ parte da nossa pesquisa e experimentações com sombras e bonecos articulados.

⁸ Lotte Reiniger (1899-1981) foi uma diretora de cinema alemã e pioneira na animação de silhuetas.

⁹ Paul Klee (1879-1940) foi um pintor e poeta suíço, de nacionalidade alemã. Paul Klee foi nossa referência para a confecção das bonecas.

¹⁰ RGB são as cores primárias na luz, respectivamente correspondem ao Red (vermelho), Green (verde) e Blue (azul). "Leon Battista Alberti (1404- 1472) ...definiu o vermelho, verde e azul como cores fundamentais que dão origem a todas as outras" (PEDROSA, 2008, p.25).



Figura 6 - Caixa replica da IBM



Fonte: Shirley Araújo, 2019

Figura 7 - Visão interna da caixa. Disposição das lâmpadas



Fonte: Shirley Araújo, 2019



A partir dos experimentos realizados nessa caixa, percebemos que nós, a iluminação, sombras e bonecos somos camadas de acontecimentos de linguagens sobrepostas. Contudo, a caixa da IBM nos limitava quanto ao estudo de iluminação. Pois, apesar de ter aberturas laterais, fundo para projeção de sombras, lâmpadas RGB e o *dimmer* nos possibilitando o controle de intensidade das lâmpadas, elas eram dispostas em duas fileiras fixas e a luz incidia sobre toda a caixa. Nosso próximo caminho dentro desse labirinto da pesquisa foi viajar em busca de uma caixa que coubesse nossos objetos de estudo.

Nesse momento, com a pandemia devida ao Sars-Cov-2, ficamos impossibilitadas de realizar encontros pessoalmente, pois estávamos em isolamento social. Então, minha parceira de pesquisa focou em seu objeto de estudo com a narrativa e eu na construção de uma outra caixa. A partir dos nossos experimentos e discussões, comecei a definição de alguns parâmetros para um protótipo. Primeiro para ver se a ideia iria funcionar e segundo porque, de acordo com a nossa orientadora, o protótipo evita a gente gastar dinheiro a toa.

Durante o distanciamento, fez-se necessário que a minha parceira de pesquisa também construísse uma caixa cênica, ainda que protótipo, para que as experimentações tivessem os mesmos parâmetros e relação no espaço. Dessa necessidade, surgiu a ideia de apresentar usando as duas caixas simultaneamente. Em uma das caixas, eu experimentaria a luz e movimento do teatro de sombras. Na outra, minha colega trabalharia a narrativa com bonecos em cena.

Ainda durante a pandemia, as ações pensadas para uma apresentação presencial ao público foram adaptadas para um roteiro que teria o espetáculo em vídeo. A imagem das duas caixas lado a lado deu lugar a um vídeo com a estética do díptico, sugerido por nossa orientadora. Ela compartilhou com a gente que o díptico é uma estética utilizada nas Artes Plásticas para idealizar uma obra de arte criada em duas partes. A obra pode ser uma pintura, um desenho, fotografia, entalhe, ou qualquer outra superfície plana. Então, além da caixa e do roteiro, o vídeo tornou-se outro local e forma de encontro entre as expressões.



Figura 8 - Ilustração feita por Sônia Paiva: experimentos na caixa IBM



Figura 9 - Ilustração feita por Sônia Paiva: duas caixas em díptico





Figura 10 - Díptico em vídeo. Captura de tela



No percurso trilhado em busca de uma caixa cênica ideal para o nosso projeto, encontramos diversos modelos. Cada caixa propõe um modo de interação e relação diferente. E a maioria delas não possuem um sistema de iluminação, com exceção das caixas lambe-lambe, as quais geralmente possuem um sistema com pequenas lâmpadas de led. Mas essas caixas, na maioria das vezes, são concebidas para um espetáculo específico, tendo seus componentes de iluminação fixos. A caixa lambe-lambe, segundo Daniele Rocha Viola:

Possui um potencial artístico imenso, no qual o leque criativo e visual tem incontáveis opções, principalmente por apresentar como característica predominante a concepção de espetáculos de teatro de formas animadas (bonecos, sombras, figuras e objetos). O teatro lambe-lambe acontece dentro de uma caixa ou similar que é, geralmente, operada por uma pessoa e tem apenas uma espectadora por vez. Esta vê o que acontece dentro da caixa por uma abertura. É um teatro de escala reduzida que, para além dos materiais utilizados como cenário ou personagens, pode contar com sistemas de áudio (fones de ouvido - para a artista e a espectadora) e sistema de luz, ampliando a experiência do público (VIOLA, 2020, p. 314).

As referências encontradas serviram de parâmetro para o planejamento de uma caixa para o nosso acontecimento. Após alguns experimentos em diferentes protótipos, chegamos a um modelo próximo ao ideal. Ele foi confeccionado com papelão e é uma caixa idealizada para ser dobrável, facilitando seu transporte.



Figura 11 - Experimentação com luz e sombras no protótipo



Fonte: Wellington Marques, 2020.

Durante a construção da caixa definitiva, foi necessário trilhar caminhos da marcenaria e fazer alguns ajustes quanto a dinâmica das dobraduras. A caixa tem 70cm de largura, 60cm de altura e 60 cm de comprimento, foi construída com madeira de uma cômoda reutilizada, com auxílio de um marceneiro e ajuda do meu pai durante a pandemia.



Figura 12 - Caixa em sua forma compactada, aberta e montada



Fonte: Shirley Araújo, 2020

Figura 13 - Caixa e sistema de iluminação



Fonte: Shirley Araújo, 2020

A atribuição de definir os parâmetros dessa caixa, levou-me a estudar Gordon Craig. Como encenador no século XX, ao lado de Adolphe Appia, Craig foi um dos visionários que pensou luz além da função de visibilidade, pesquisando a relação da iluminação com o espaço e a cenografia. Craig também descreve narrativas de experimentos com pontos de luzes sobre o espaço cenográfico do seu projeto nas *Screens* (Craig, 2017, p. 12-14).

Esses experimentos eram realizados em protótipos em miniatura que eram tratados como laboratórios de simulação de efeitos, procedimentos de direção da luz e ângulos de incidência sobre as superfícies dos protótipos.



Neste projeto, o aspecto artístico de concepção da iluminação se realiza em uma composição visual de um acontecimento artístico dentro da caixa. O estudo técnico, na pesquisa por materiais, construção da caixa cênica e seu sistema de iluminação.

O estudo sobre o funcionamento de um sistema de iluminação para a caixa foi um dos caminhos da investigação que possuiu diversas trilhas e possibilidades. Entre componentes eletrônicos, lâmpadas de led, halógenas e lanternas, decidi construir um sistema com lâmpadas automotivas. Devido a pandemia, a busca por materiais ficou restrita e essas eram as lâmpadas que eu tinha disponível.

A lâmpada escolhida para compor nosso sistema foi a lâmpada halógena de 12v. Essas lâmpadas, se comparadas as lâmpadas de led, têm ótima qualidade de luz, apresentam excelente reprodução de cores (IRC¹¹ = 100) e podem ser dimerizadas.

Figura 14 - Lâmpadas automotivas de 12v



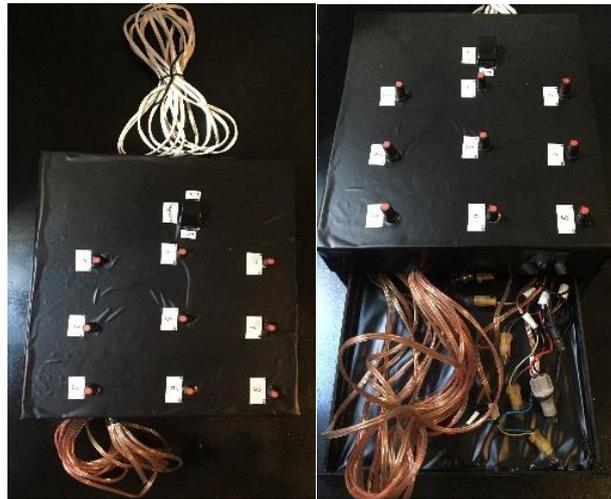
Fonte: Shirley Araújo, 2020

O sistema de iluminação foi pensado para ser montado de diversas formas e transportado com facilidade. Com isso, elaboramos a construção de uma caixa para os componentes de iluminação. Nessa caixa estão as lâmpadas e os componentes que fazem este sistema funcionar. Nela temos uma gaveta acoplada, a qual condiciona as lâmpadas quando não estão em uso.

¹¹ O IRC é o Índice de Reprodução de Cor, o qual nos diz quão fiel é a cor do objeto exposto a uma determinada fonte de luz. O IRC tem uma variação de 0 a 100, quanto mais alto esse valor, melhor será a visualidade das cores reais de determinado objeto.



Figura15 - Segunda caixa do projeto com sistema de luz e gaveta para armazenar as lâmpadas



Fonte: Shirley Araújo, 2020

O sistema de iluminação elaborado nos garante a possibilidade de movimentação das lâmpadas dentro da caixa cênica, dispondo-as de maneiras diferentes de acordo com a necessidade de cada experimento.

A caixa cênica e seu sistema de iluminação, no projeto, significou uma versão reduzida e itinerante de um laboratório de iluminação no que tange a composição e estética. A partir de um modelo em miniatura, podemos transpor uma concepção de iluminação para uma escala maior (VIOLA, 2020, p. 317).

Elaboração do roteiro

Para a construção do roteiro, partimos da narrativa de cordel para escrever uma dramaturgia que posteriormente foi roteirizada. O roteiro é composto pelas camadas de acontecimentos sobrepostas. Cada camada é um elemento que integra e gira a engrenagem da narrativa. A caixa foi o local material onde os elementos físicos se relacionavam. O roteiro foi o planejamento de como a obra se apresentaria. Ele foi o elo de encontro entre as linguagens, por nos unir na elaboração e conter o registro de todos os elementos: as ações das manipuladoras, a iluminação, o som, os bonecos, a narrativa e tudo aquilo que foi marcado para acontecer.

A construção do roteiro e as experimentações dentro da caixa, nos possibilitou um trabalho integrado. Pois, além de produzir o evento artístico, permitiu-nos dialogar sobre ações de



projetista, iluminadora, diretora, cenógrafa, manipuladora e dramaturga. Eu, enquanto artista e pesquisadora, pude participar e ter consciência de tudo aquilo no momento em que construíamos o roteiro, concebia e pensava a caixa e seu sistema.

Trecho do roteiro

Recorte do roteiro *A Botija* (adaptação livre por Priscila Tavares da obra *A Botija na Serra do Malassombro* de José Medeiros de Lacerda).

CENA 1 SEQUÊNCIA 2

Acende foco das sombras nas duas caixas. Som do repente. Boneca de mamulengo com manipuladora "A" assume forma da boneca de sombra cruzando a caixa 1 até chegar à caixa 2. Boneca mamulengo com manipuladora "B" permanece com o pandeiro em frente a caixa 2, que tem as cortinas fechadas, foco frontal na boneca de mamulengo.

MANILADORA "B"- Dos meus tempos de criança eu trago sempre comigo as estórias de Trancoso, de papangu, papa-figo, de casa mal-assombrada, medo de alma penada era o meu maior castigo.

MANIPULADORA "A"- Vem ver, venha cá. Eu não tinha visto ainda duas comadres que tinha tanta história pra contar

MANIPULADORA "B"- Vem ver, venha cá. Eu não tinha visto ainda duas comadres que tinha tanta história pra contar.

CENA 2 SEQUÊNCIA 1

Boneca de mamulengo com manipuladora "B" abre as cortinas da caixa 2 e entra pela direita. Acende focos esquerdo e direito direcionado à boneca de mamulengo. Manipuladora "A" termina de atravessar a caixa 1 e chega na caixa 2 pelo lado esquerdo. Diálogo entra as bonecas.

MANIPULADORA "B"- Tu se lembra de Dudé? Sempre gostou de contar acontecido, o que eu mais tinha era medo, pense num homem descabido. E de tanto ele contar, pois um dia fui eu sonhar com uns danado aborrecido?!

MANIPULADORA "A"- Oxe, pois eu sei qual foi. Também havia tido e se brincar mais assombrado que seus sonhos esquisitos

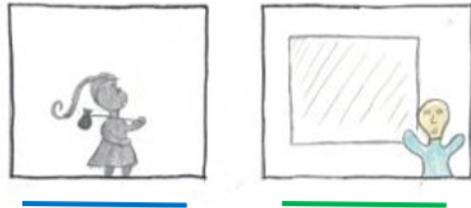
CENA 2 SEQUÊNCIA 2

Boneca de sombra volta voando para a caixa de origem, caixa 1.

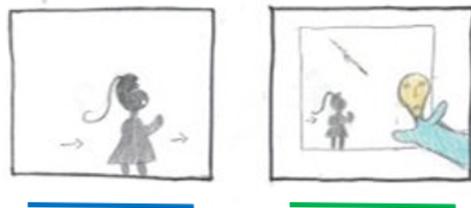


Trecho do Storyboard

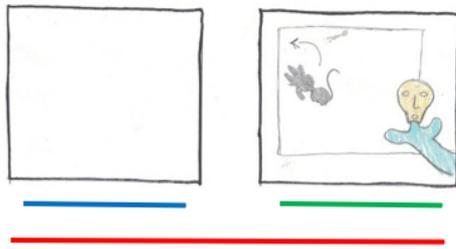
Texto em vermelho: ação conjunta; azul: manipuladora "A"; verde: manipuladora "B".



Cena 1, sequencia 2: "Dos meus tempos de criança eu trago sempre comigo..."		Tempo: 14s
Ação:	Boneca de mamulengo assume forma de sombra. Travessia da sombra pela tela de projeção .	Mamulengo em frente a caixa cantando
Iluminação:	Ponto de luz das sombras	Focos laterais iluminando o mamulengo
Áudio:	Repente e narrativa	



Cena 2, sequencia 1: "Tu se lembra de dudé?"		Tempo: 19s
Ação:	Da esquerda para a direita, sombra vai até a outra caixa.	Mamulengo abre as cortinas da caixa e adentra, dialogo com sombra.
Iluminação:	Ponto de luz das sombras	Ponto de luz da sombra e foco lateral no mamulengo
Áudio:	Narrativa	



Cena 2, sequencia 2: " ...E se brincar mais assombrado que seus sonhos esquisitos"		Tempo: 3s
Ação:	Sombra volta voando da direita para a esquerda.	Sombra volta voando à caixa de origem, mamulengo sai da caixa.
Iluminação:	Foco de luz das sombras	Ponto de luz das sombras e foco lateral no mamulengo
Áudio:	Narrativa e som de looping durante o voo	

Caderno: ferramenta de registro e planejamento

Entre nossa metodologia de pesquisa, aplicamos algumas ferramentas utilizadas pelo LTC. O caderno de produção e planejamento foi um importante instrumento de registro e é uma ferramenta que a Sônia Paiva utiliza nos processos do LTC como diário de produção. É com ele que iniciamos os registros dos nossos encontros. A autora diz que:

O caderno é espaço de anotação, de observações, lugar para alocar um pensamento que passa pela cabeça, um desenho que surge de algum raciocínio, um poema lido, um planejamento da construção de algo, uma ideia de um novo projeto, um lembrete bobo com o telefone e o nome de alguém, o preço de algum material, ou mesmo a referência de um livro (PAIVA, 2016, p. 66).

O caderno é a própria obra, é a maneira como registramos nossa história durante o processo criativo que tem como resultado uma obra de alguns minutos. No caderno contém as ideias e caminhos percorridos durante o processo e pesquisa, o que nos auxilia na tomada de decisão, análise de erros, escrita de artigos e afins. Os registros realizados no caderno nos permitem dizer que:

O projeto teve como resultado uma pesquisa e construção artística integrada. A qual fez da iluminação parte integrante das experimentações desde o início do processo. Com isso, decolamos em um processo não hierárquico, que nos encaminha para um entendimento sobre a pesquisa e processo de criação, construção, planejamento colaborativo e transdisciplinar. Tendo em vista que, durante seu desenvolvimento nos permitiu discussões, experimentações, erros e avaliações das linguagens presentes na obra entre as três participantes.



Durante este estudo, aprendemos a produzir e pesquisar. Através das experiências que iam fazendo sentido, fomos dando passo a passo para unir tudo neste resultado. Trata-se de um percurso de entendimento da forma processual em que lidamos com a complexidade das linguagens e aprendemos a planejar e praticar a criação nessa metodologia de projeto de forma colaborativa e transdisciplinar. Processo criativo, porque pensamos e concebemos uma obra e estudo artístico construindo com inventividade; construtivo, porque construímos nossos locais de encontros e objetos cênicos; colaborativo, pois nos possibilitou uma concepção em alto grau de colaboração, discussão e consciência de todo o processo e decisões; transdisciplinar, pois não houve estudo de objeto isoladamente, cada elemento nos conduzia a buscar relação e auxílio a outras áreas de criação (ARAÚJO, 2021, p. 13).

Referências

ARAÚJO, Shirley. *Estudo sobre as formas de expressão da iluminação em encontro com a narrativa de cordel*. Portal de Conferências da UnB, **26º Congresso de Iniciação Científica da UnB e 17º do DF**. Universidade de Brasília, 2021.

BRAGA, Medeiros. **Entrevista**. Concedida à Shirley Araújo. João Pessoa-PB, 19/10/2019.

CAMARGO, Roberto Gil. **Função Estética da Luz**. Sorocaba: TCM comunicações, 2000.

CAMARGO, Roberto Gil. A escrita e não escrita da luz. **Urdimento**, v.1, n.31, Florianópolis, 2018.

CRAIG, Edward Gordon. **Rumo a um Novo Teatro e Cena**. Editora: Perspectiva, 2017.

CURREL, David. **An introduction to puppets an puppet-making**. London: The Apple Press, 1992.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**, Arte ou técnica de explicar e conhecer. Editora Ática. São Paulo. 4ª edição, 1998.

JACINTO, Rafael Cardoso. STUMM, Rebeca Lenize. Manipulador: uma relação entre espaço, luz e objeto. **Urdimento** - Florianópolis, v.1, n.37, 2020.

KLEE, Paul. Paul Klee: **Hand puppets**. Editora: Hatje Cantz Publishers; 01 Edição, 2006.

LACERDA, José Medeiros. **Botija na Serra do Malassombro**. Coisas do Brasil –Vol. 15.

PAIVA, Sonia Maria Caldeira. A encenação pictórica: uma abordagem transdisciplinar. 2006. **Dissertação** (Mestrado em arte e tecnologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PAIVA, Sonia Maria Caldeira. O Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC): locus do Espaço e Desenho da Cena no Brasil. 2016. **Tese** (Doutorado em artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.



PEDOSA, Israel. **O universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

PEREZ, Valmir. Desenho de iluminação de palco: Pesquisa, criação e execução de projetos. **Dissertação** (mestrado)- Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2007.

REINIGER, Lotte. **Shadow theatres and shadow films**. London; New York: B.T. Batsford; Watson-Guption, 1970.

SANTANA, Marcelo Augusto. **Haja luz**: Manual de iluminação cênica. Brasília: SENAC DF, 2016.

SCHEFFLER, Ismael. **Teorias da Cena**: Teatro e visualidades. Editora: Intersaberes, 2018.

SILVA, Pedro Luiz Cobra. **O Teatro Lambe-Lambe**: Sua história e poesia do pequeno. Dissertação (Mestrado) - Curso de Curso Teorias e Práticas do Teatro Contemporâneo, Université Charles de Gaulle, Lille, 2017.

SOUSA, Valdinei Bezerra de. Oficina de gravura em alto relevo, com materiais manufaturados artesanalmente – Uma abordagem sobre a Xilogravura. 2013. **Trabalho de Conclusão do Curso** (Graduação em Artes Plásticas) - Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VIOLA, Daniele Rocha. Quando as flores caem: O teatro lambe-lambe e a iluminação cênica como modelos de criação desierárquica. **Urdimento**, Florianópolis, v.1, n.37, p. 312-326, mar/abr 2020.

Recebido em: 08/03/2021
Aprovado em: 17/06/ 2021

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Artes – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br